

Exclusão socioeconômica nos espaços urbanos da América Latina: o Novo Mundo e a desigualdade

Marília Serena Porto

Resumo Este trabalho toma o espaço urbano de forma genérica para entender a relação entre o processo de urbanização e a exclusão socioeconômica na América Latina. Por ser marcado por grande desigualdade o continente tem a exclusão socioeconômica impressa na paisagem das cidades, que apresentam em proximidade geográfica o brusco contraste riqueza/pobreza. Encontram-se entre as regiões desses países taxas de IDH iguais as de países centrais ao lado de regiões absolutamente pobres e carentes de qualquer infraestrutura, o que representa os dois lados do atual processo de desenvolvimento econômico. Dentre as diversas escalas em que a exclusão social pode ser entendida no espaço podem-se destacar as mais evidentes: a exclusão na esfera global, que repercute nos países da América Latina em sua relação com os países centrais; em uma esfera regional, dentro de cada um desses países, que caracteriza as disparidades inter-regionais; e, em esfera mais restrita, obviamente, também a mais palpável, que se manifesta na exclusão dentro da própria cidade, expressa pela violência interpessoal que se presencia diariamente nos centros urbanos. Este trabalho discute brevemente essas três escalas, buscando apontar como a exclusão socioeconômica na América Latina pode ser evidenciada na análise geográfica da construção do espaço urbano. Para tanto foi analisada a semelhança do processo de urbanização nesses países, que, na sua maioria, é caracterizado por grandes desigualdades regionais; formados por poucos e importantes centros econômicos; mergulhados em um território com um número enorme de pequenos centros urbanos e uma reduzida quantidade de médios centros. A partir dessas características comuns pode-se considerar a América Latina um único espaço, denominado Novo Mundo. Em seguida, partiu-se para a visualização das esferas de percepção da desigualdade, da mais ampla – global – para a mais restrita, a cidade. Entende-se, assim, que a exclusão socioeconômica na América Latina pode ser analisada nessas várias escalas que dizem respeito ao mesmo assunto: a exclusão social intensificada e reafirmada pelo processo de globalização e desenvolvimento do capitalismo.

Palavras chaves: Novo Mundo; desigualdade.

Abstract This article takes the urbane space as generic form to understand the relation between the urbanization process and the economic and social exclusion in the Latin America. Because of his great inequality, the continent has the economic and social exclusion printed in the scenery of the cities, which present the brusque contrast wealth/poverty in a geographical proximity. In some these countries one find IDH taxes like the regions of central countries side by side whit regions absolutely poor and without any infrastructure, which represents two sides of the current process of economical development. Among many scales in what the social exclusion can be understood in the space, the most obvious can stand out: the exclusion in the global sphere, which has repercussions in the countries of the Latin America on his relation with the central countries; in a regional sphere, inside each one of these countries, which characterizes the

inter-regional disparities; and, in more limited sphere, obviously, also the most tangible, which is shown in the exclusion inside the city itself, expresses for the interpersonal violence presented daily in the urbane centers. These three scales are presented shortly and discussed, looking to begin to appear like the social and economic exclusion in the Latin America can be shown up in the geographical analysis of the construction of the urbane space. So, was analyzed like the process of urbanization in these countries, which, in his majority, is characterized by great regional inequalities; formed for little and important economical centers; when they plunged into a territory with an enormous number of small urbane centers and a reduced quantity of middle centers. From these common characteristics it is possible to be considered the Latin America the only space, called New World. Following, there was a visualization of the spheres of perception of the inequality, of the most spacious – global – for the most limited, the city. One understands, so, that the social and economic exclusion in the Latin America can be analyzed in these newspaper commentaries scales that concern the same subject: the social exclusion intensified and reaffirmed by the process of globalization and development of the capitalism.

Key words: New World; inequality.

Espaços urbanos do *Novo Mundo*

Desigualdade é a hierarquização da diferença visando à apropriação, manutenção e usufruto do poder. A desigualdade é um fenômeno antigo nas sociedades humanas que se manifesta nas relações de gênero, etnia, cor. A América Latina é um território construído com base em disputas de poder: entre os habitantes nativos de suas terras e os que vieram de fora, indígenas e brancos, e, posteriormente, entre colonos e estrangeiros da metrópole.

Na modernidade a desigualdade, mais especificamente socioeconômica, vem se reafirmando e fazendo parte das estruturas das cidades do Novo Mundo: ela é visível, dói e mata. Este trabalho analisa os grandes centros urbanos da América Latina de forma genérica, buscando as aproximações históricas na formação do seu espaço urbano. A partir dessas semelhanças na produção e reprodução do espaço, considero, nesse trabalho, a América Latina um espaço único, denominado *Novo Mundo*.

Essa denominação genérica quinhentista foi escolhida com o intuito de provocar a releitura de uma designação marcante no contexto europeu na era dos descobrimentos. Pretende, além disso, mostrar como os habitantes da América Latina foram constituídos a partir de um processo de ocupação espacial de raízes semelhantes. O objetivo dessa re-

visão é aproximar indivíduos, sociedades e culturas, favorecendo a construção de pontes identitárias supranacionais, que permitam que nos consideremos unos, irmãos produtores de um mesmo espaço.

As peculiaridades sociais e culturais do Novo Mundo refletem-se em características definidoras de suas configurações espaciais fragmentadas e uma desigualdade socioeconômica absurda. Desigualdade absurda porque a disparidade é nítida em territórios geograficamente muito próximos; facilmente se encontra em poucos quilômetros vários modos de vida, do mais pobre ao mais rico.

A configuração espacial fragmentada do Novo Mundo se revela talvez como um reflexo da desigualdade absurda e pode ser percebida em distintas dimensões: da macro escala nas relações internacionais à uma escala local, que se manifesta no âmbito das cidades e das relações inter-pessoais dentro dela. Os espaços do Novo Mundo são essencialmente constituídos por poucos grandes centros urbanos, polos, tais como São Paulo, Cidade do México, Buenos Aires, Montevideú - a maior parte deles rugosidades históricas - mergulhados em uma teia de cidades pequenas, com carência de infraestrutura e, de menor expressividade, cidades médias, menos presentes nesses territórios. Por serem poucos, esses polos acabam sobrecarregados pela demanda da população das localidades circunvizinhas, abrangendo um raio de atração, às vezes, interregional.

O continente do Novo Mundo é recoberto por Estados-nação fragmentados internamente, porém inseridos na dinâmica de integração interpaises, num processo que induz a uma fragmentação paradoxal: a desarticulação parece existir mais significativamente entre localidades próximas, entre vizinhos e bairros de uma mesma cidade, o que, no entanto, parece não afetar (ou até mesmo reforçar) a coesão entre as grandes metrópoles e centros econômicos. Na modernidade, a relação bi-polar entre metrópole e colônia foi transfigurada, abrangendo em uma mesma teia um conjunto de metrópoles que se interconectam por força do capital, pelas estratégias de produção e consumo.

Produção da desigualdade no *Novo Mundo*

Para falar da desigualdade, mais especificadamente a exclusão social no Novo Mundo é importante perceber como ela se exprime e pode ser estudada a partir de várias esferas e escalas de nossa sociedade. Dentre os diversos recortes que a exclusão social molda o espaço, podemos destacar algumas que se mostram mais evidentes: uma exclusão na esfera global, cada país da América Latina como um país da periferia e sua relação com os países centrais e entre si; em uma esfera regional dentro de cada país da América Latina, que caracteriza as disparidades inter-regionais de cada um dos países; até a esfera mais restrita, mas, obviamente, também a mais palpável, que é a da exclusão inter-pessoal, expressa por toda a violência que se presencia diariamente, que pode ser facilmente verificada em cada favela das cidades latino-americanas, em cada sinal de trânsito, em cada rua.

Essas escalas nas quais a exclusão se manifesta e pode ser avaliada são bem retratadas por Milton Santos em *Limites à globalização perversa*, no qual, expõem que apenas a minoria de empresas, instituições e pessoas têm acesso a essa velocidade hegemônica – características do meio técnico-científico-informacional no qual se vive na atualidade – a maior parte da humanidade vive de outra forma, outras técnicas, objetos ¹. Essa minoria domina a maioria, sustentada pelo poder político que justifica essa situação como decorrente da civilização. A sintonia e quase perfeita articulação entre os grandes centros, onde se encastela a minoria dominante, é paradoxalmente o que rege a maioria que desconsertada tenta entender e viver em um espaço feito para outros ².

Todas essas esferas, no entanto, reproduzem o mesmo processo: a exclusão social intensificada e afirmada pelo processo de globalização e desenvolvimento do capitalismo. Em decorrência, estudar apenas uma escala, seja a global, regional ou qualquer outra, pois as escalas podem ser múltiplas, não significa que se estará desconsiderando os outros aspectos e escalas em que se configura a exclusão social, até porque, seria algo impossível já que esses níveis analíticos são, na realidade mesma, indissociáveis. Como se trata do mesmo processo, por maior que seja a tentativa de estudar só uma parcela dessa fragmentação do espaço, por motivos metodológicos ou até

em uma busca deliberada pela alienação, acaba-se por refletir e discutir a exclusão como um todo porque não tem como falar da parte sem entender e transbordar para o todo, mesmo que indiretamente.

Dado que a realidade perpassa as esferas analíticas e que os reflexos e ecos de uma dimensão são, inevitavelmente, percebidos nas demais, optou-se nesse trabalho por um recorte metodológico voltado a identificar e explicar as três escala supra citadas, global, regional e da cidade, para tentar visualizar como a desigualdade social se processa no Novo Mundo. Considera-se que tal recorte permite perceber como a desigualdade influencia e corrobora na produção do espaço, atuando como fator condicionante (senão determinante) das relações que nele se processam e como tais relações podem ser percebidas como processos interconectados desde o âmbito da relação entre países até a análise das estruturas de uma cidade e das trocas inter-pessoais.

A dinâmica da exclusão nas três esferas

Na esfera global, relativa às relações de poder entre os países, o Novo Mundo se insere como região periférica, conotada como eminentemente tropical e associada simbolicamente à ideia de liberdade, tanto por seus aspectos climáticos, de flora, fauna e humanos, que o aproximaria do éden, quanto por ser um território sem lei, propício ao enriquecimento rápido e ao esquecimento das ofensas pregressas. Território nascido como a missão de exportar sua riqueza, minério, flora, fauna, produtos agrícolas e, até mesmo, gente. No capitalismo mercantil o Novo Mundo, na condição de colônia, possuía uma economia extrovertida caracterizada pelo trabalho compulsório, extração, monocultura, latifúndios e o monopólio de sua economia pelos países centrais europeus.

De forma rudimentar se pode admitir que essa posição subdesenvolvida e extrovertida persiste até os dias atuais, claro, que de uma forma modernizada, obedecendo às transformações constantes que ocorrem no tempo e espaço. Atualmente, sob as regras hodiernas da divisão internacional do trabalho, a região participa da teia também como exportadora (em maior ou menor grau) de produtos industrializados. Especificamente em relação ao Brasil, em exemplo que pode ser expandido a outros

países que compõem o Novo Mundo, Antônio Carlos Robert de Moraes exprime em *Ideologias geográficas* essa idéia. Colocando que o país foi criado como uma economia complementar, tendo a subordinação e a dependência como critério estruturador da sociedade, afirma que a excludência e a desigualdade persistem, impressas como regra na sociedade atual, devido, em grande parte, ao passado escravocrata ³. Mesmo considerando as peculiaridades culturais e as características específicas da escravidão em cada contexto, acredito que essa análise pode ser ampliada para todo o espaço do Novo Mundo devido as aproximações históricas anteriormente apontadas.

A relação entre os países periféricos e centrais na atualidade pode ser entendida e definida pela relação das multinacionais, originadas nos países centrais, com os territórios dos países periféricos que são constantemente construídos e reconstruídos por essas empresas. Hillhorst ⁴ mostra essa relação centro-periferia que se caracteriza como intenso fluxo de redes internacionais de comunicação com cada vez maior número de junções.

Essa relação, segundo aquele autor é composta por dois fatores complementares: *extração* é o movimento que permite aos centros se beneficiarem de um lucro líquido em relação aos países periféricos em decorrência de serem as sedes das tomadas de decisão e os produtores de tecnologias. As transnacionais buscam nos países periféricos vantagens comparativas como: mão-de-obra barata, ineficiência de leis ambientais, matéria prima, mercados consumidores. O segundo fator, *distribuição*, permite aos subsistemas dominados, a periferia, a utilização do campo de força existente para promover seu próprio desenvolvimento. O segundo fator seriam exatamente as externalidades positivas que empresas multinacionais trazem para os territórios nos quais atuam, como por exemplo: desenvolvimento dos meios de comunicação, entrada de capital, produção de empregos. Esses dois fatores, esse campo de forças distintas e complementares, acabam por modelar o espaço de forma fragmentada e desigual. Fica claro que as diferenças espaciais são funcionais ao sistema capitalista, conforme aponta Lipietz ⁵ quando trata da hierarquia urbana, constituindo importante alicerce para a sua existência e contínua reprodução.

Como visto, as disparidades intra-regionais no Novo Mundo não são apenas produtos do capitalismo atual sendo, em grande parte, também produto histórico. Para verificar essa afirmativa recorre-se novamente ao caso brasileiro, em relação ao qual basta correlacionar os ciclos econômicos pelo qual o país passou e as áreas de maior desenvolvimento e ocupação da atualidade. Por essa análise sobreposta pode-se dizer que as diferenças regionais têm sua gênese nas primeiras ocupações territoriais do período colonial, restritas ao litoral, que ainda hoje continua sendo onde se encontram as cidades com maior taxa de ocupação e desenvolvimento. Esse processo, identificado pelas chamadas rugosidades históricas, implica em territórios que têm destaque - seja econômico, social - devido a fatores históricos, são localidades que tiveram uma importância em algum período histórico e que foi acumulada e ainda evidente nos dias atuais.

Da mesma forma que as demais áreas da América Latina, o território brasileiro é formado por paradoxos e grandes contrastes. Berta Becker interpreta essas disparidades se contrapondo à idéia, exposta por diversos autores, da existência de dois "Brasis", um moderno e outro arcaico. A autora reafirma a unidade do nosso território e o define como uma estrutura híbrida, ambivalente, instável, porém muito dinâmica, reflexo da modernização conservadora, definida como processo de modernização com manutenção das estruturas sociais ⁶. Tal panorama também pode ser transposto a uma escala mais ampla, abarcando as diferentes regiões do Novo Mundo, que em seus processos históricos reproduziram a modernização conservadora.

No espaço Novo Mundo a configuração global se reproduz em uma escala menor; regiões desenvolvidas com índices de desenvolvimento igual à de países centrais e regiões subdesenvolvidas fazem parte do mesmo espaço. As desigualdades regionais são enormes em toda a América Latina. Sucintamente, como colocado anteriormente, se pode considerar que a maior parte dos países do Novo Mundo são caracterizados por apresentar poucos centros econômicos mergulhados em um território com um número enorme de pequenos centros urbanos e uma reduzida quantidade de médios centros. Dessa forma, a maior parte do território, carente de infra-estrutura se vê, muitas vezes,

em abandono tanto por parte do Estado como das empresas multinacionais, formando verdadeiros bolsões de pobreza.

Na distribuição do Índice de Gini, que mede a desigualdade de renda, na América Latina e em outras regiões do mundo entre 1960 e 1990, se pode observar tal afirmativa. Este índice, que varia entre zero (nenhuma desigualdade) e um (desigualdade máxima), revela não só que as taxas da América Latina são mais altas do que as do resto do mundo como também, que não vem diminuindo desde a década de 70. Em 1960, 70, 80 e 90 os valores foram respectivamente: 0.53, 0.49, 0.50 e 0.49, apresentando valores semelhantes aos países do Sul do Saara: 1960: 0.50; 1970: 0.49; 1980: 0.50 e 1990: 0.49. Além disso, a desigualdade na América Latina se caracteriza por uma grande concentração de renda no topo da distribuição, ou seja, um pequeno percentual da população é muito rica e a grande maioria abaixo da elite de renda se encontra em posição menos desiguais entre si⁷.

Diminuindo ainda mais a escala, se pode ver essa configuração dessa desigualdade em uma metrópole que é constituída de grandes centros econômicos e favelas, os dois lados do processo de desenvolvimento global. Juntas no mesmo território riqueza e pobreza produzem o espaço, marcado pela desigualdade e ambiguidade em todas as escalas. Esse paradoxo é resumido por Gilberto Dupas de uma forma bem clara: “Se, por um lado, as megacidades se articulam à economia global, conectam redes informacionais e concentram poder mundial, por outro, são também as depositárias de muitos dos segmentos excluídos da população”^{8,9}. Segundo Castells: “A característica distintiva de estar conectada globalmente e desconectada localmente, tanto física como socialmente, é o que faz das megacidades uma nova forma urbana (...) As megacidades são constelações descontínuas de fragmentos espaciais, peças funcionais e segmentos sociais”¹⁰.

As cidades mais desenvolvidas são em grande parte as capitais que acumulam as mais altas taxas de renda, melhores taxas de escolaridade, tecnologias mais avançadas. Assim ocorre, por exemplo: no Paraguai que tem a principal cidade Assunção (capital e maior centro econômico); Uruguai, Montevideu (capital e maior centro urbano-

econômico e grande porto no Rio da Prata) e Punta Del Leste (balneário e cassino); Argentina como principal cidade Buenos Aires (capital e centro econômico); Chile: Santiago (capital administrativa) e Valparaíso (capital legislativa, além de ser o maior porto andino); Bolívia, as principais cidades são Sucre (capital legal, poder judiciário), La Paz (mais alta capital do mundo, sede administrativa), Santa Cruz de La Sierra (na planície, é a que mais cresce em termos urbanos) e Potosi (mineração); Peru, Lima (capital) e Callao (maior porto); Equador, Quito (capital) e Guaiquil (grande exportador de bananas); Colômbia, principais cidades, Bogotá (capital), Cali (maior centro cultural), Barranquilla (maior porto) e Medellin; Venezuela, principais cidades são Caracas (capital) e Maracaibo (maior centro petroquímico).

A cidade funciona como uma partícula na análise mais ampla, o palco cotidiano que nos permite entender como os países ditos de terceiro mundo estão inseridos na dinâmica socioeconômica global. Nessa escala torna-se (no mínimo) risível a pretensão alienada (e alienadora) de explicar e justificar a perversidade da reprodução da desigualdade como processo estanque, espacial e cronologicamente. A cidade revela a materialidade da exclusão socioeconômica que a esses países é imposta. Justamente nessa escala menor na qual se pode observar o dia a dia, a reprodução da vida, fica difícil se perder em taxas, números abstratos; tudo é real, materializado, doloroso. Favelas, condomínios de luxo fazem parte do mesmo espaço fragmentado. A segregação global parte das pequenas escalas que permeiam o cotidiano, as relações humanas. É uma boa escala de análise porque reproduz em um espaço geográfico muito menor o que se processa em um nível global. Do lado da favela está a empresa multinacional, o centro de poder de um país que é ligado a outros centros econômicos, a desigualdade constrói o espaço urbano como seu semelhante.

Considerações finais

O desenvolvimento pontual e centralizado no Novo Mundo contribuiu para o crescimento desigual do território, dando origem a desequilíbrios entre os níveis de vida das diferentes regiões estimulando as migrações inter-regionais e interpaíses. Essas desigualdades regionais elevam ao aumento das taxas de pobreza e, também, diminuem

os efeitos econômicos sobre a redução da pobreza, caso não haja políticas efetivas de redistribuição de renda. Essa má distribuição da renda, por sua vez, vem acompanhada das desigualdades também ao acesso a educação, saúde e infra-estrutura, como água potável, sistema de esgotamento sanitário, eletricidade, telefone, transportes. Isso influencia negativamente o desenvolvimento econômico porque os poucos polos de desenvolvimento se encontram sobrecarregados pelas populações carentes dos bolsões de miséria e também, porque o desenvolvimento em um território desarticulado é muito mais complicado, exigindo mais custos.

Dada essa configuração persistente, cabe ponderar sobre a afirmação do economista Pierre Salama, que identifica que o principal fracasso das economias latino-americanas é, justamente, a manutenção dessas desigualdades; o fato dos países não terem buscado soluções efetivas para diminuir a miséria, que continua em um dos patamares mais altos: “Está havendo uma banalização da pobreza e os governos querem dar a impressão de que estão lidando com esse problema para tirar proveito do voto dos mais pobres e de uma parte das classes médias, quando, na verdade, não é essa sua prioridade”¹¹. Esta falta de compromisso dos governantes vem intensificando a exclusão social no Novo mundo sob a égide da globalização. As três esferas analíticas discutidas apresentam diante de nossos olhos como a desigualdade pode ser visualizada de diversas formas e escalas, mas, ainda assim, de forma indissociável. A desigualdade esta materializada no espaço e não é um fenômeno particular e pouco expressivo e sim, um fenômeno ativo e representativo na construção e reprodução espacial.

Referências

1. Santos M. Limites à globalização Perversa. In: Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record; 2006: pg 121-122.
2. _____. Economia espacial: críticas e alternativas. In: A Totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. 2ª ed. (Coleção Milton Santos, v. 3). p 201-202.
3. Moraes ACR. Ideologias geográficas. São Paulo: Hucitec, 1988.
4. Hillhorst GMJ. Uma teoria de desenvolvimento regional. In: Planejamento regional: enfoque sobre sistemas. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1975. p. 63-69.
5. Lipietz A. O Local e o Global: personalidade regional ou inter-regionalidade? Revista Espaço e Debates. Ano XIV, nº38, 1994 pp.10-20

6. Becker B, Egler CAG. O legado da modernização conservadora do território. In: Brasil: uma nova potencia regional na economia-mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.pp. 169-213.
7. Pochmann M, Barbosa A, Campos A, Amarin R, Aldrín R (Orgs). Atlas da exclusão social, v. 4, A exclusão social no mundo. São Paulo: Cortez Editora; 2004.
8. Dupas G. As cadeias produtivas globais e a geração de empregos. In: Economia global e exclusão social. Pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo. São Paulo: Paz e Terra; 2001. p. 83-102.
9. _____. Capitalismo global, desemprego e exclusão. Dilemas e alternativas. In: Op. cit. p. 185-222.
10. Castells M. La era de la información. Economía., sociedad y cultura. vol. 1. La sociedad red. Madri: Alianza Editorial; 1998.
11. Salama P. As desigualdades impedem o crescimento e promovem a estagnação econômica. Entrevista especial com o economista francês Pierre Salama, 17/07/2006 IHU on-line. Disponível:<http://www.gritodosexcluídos.com.br/artigoSemanais/artSem101/> Acesso: 10/03/2008.